

✿ O FENÔMENO ALEMÃO QUE CONQUISTOU O MUNDO ✿

STEPHAN SCHÄFER

Os verões que ainda me restam

*Por que só valorizamos a vida
ao ver que vamos perdê-la?*

Uma história
sobre amizade
e as coisas
que realmente
importam



SEXTANTE

Para Andrea, Leonard e Ada

1

5h12. Toda manhã eu acordava no mesmo horário. Eu vivia essa sina fazia meses, qualquer que fosse o dia da semana, a hora em que me deitava para dormir ou se tomava um chá antes para pegar no sono. Assim foi naquele sábado do mês de junho. Eu tinha ido sozinho para o sítio – minha esposa estava fazendo um curso, e meus filhos tinham saído para passear com os amigos.

Em geral passávamos os fins de semana nesse nosso sítio no interior, um lugar lindo a uma hora de carro do nosso apartamento na cidade. O terreno era espaçoso: tinha uma grande tileira que fazia uma bela sombra, além de uma estufa antiga onde plantávamos abobrinhas, tomates, cenouras e abóboras. Fazíamos geleia com as frutas

vermelhas que colhíamos nos arbustos que serviam de cerca viva entre nosso terreno e o do vizinho. Havia um balanço de madeira, meio torto, amarrado ao tronco de uma árvore. A grama do terreno era alta, com flores espalhadas à vontade. Ou seja, estava mais para um mata-gal do que para um jardim bem cuidado.

Nós adorávamos alternar entre a cidade e o campo, as idas e vindas entre a agitação e a calma. Concordávamos que esse deveria ser nosso ritmo de vida, nosso alicerce familiar, nosso refúgio, mesmo que na prática fosse só uma casa de campo.

Mesmo assim eu não estava bem: havia conquistado o privilégio de poder “fugir para o mato” nos fins de semana, mas nem ali encontrava paz, como era o caso naquele sábado. Raramente me sentia tranquilo, e quando me acalmava era por pouco tempo, porque meu trabalho dava um jeito de se enfiar na bolsa de viagem e deixava minha cabeça a mil. Quando jovem, eu era capaz de passar dias inteiros à toa, sem fazer nada, mas, a cada ano de trabalho e a cada novo smartphone, fui me tornando mais e mais disponível o tempo todo, em qualquer lugar.

Muita gente a meu redor se sentia assim. Amigos me contavam que passavam a noite em claro, insones, lendo livros porque desistiam de tentar dormir. Outros viravam a madrugada mandando e-mails ou até praticando esportes, tentando usar o movimento para se livrar do fardo do cotidiano.

Naquela manhã de sábado, escolhi a terceira opção: calcei meus tênis de corrida e saí do sítio ainda de madrugada.

Eu passava de dez a doze horas (muitas vezes até mais) no escritório ou no trânsito, sentado na frente do notebook, cheio de problemas para resolver. Tinha ido para o sítio na tentativa de desacelerar, respirar ar fresco, encontrar equilíbrio interior. Ainda me lembro perfeitamente daquela manhã clara e silenciosa.

Tentei aproveitar as belezas ao meu redor, realmente estar ali, de corpo e alma. Notei os detalhes do nascer do sol, o orvalho da manhã que cobria os campos verdejantes, os pássaros cantando, o chão macio da floresta. Mas ao mesmo tempo havia uma barreira invisível entre mim e o mundo.

A cada passo da corrida, eu me aproximava não da natureza nem da tranquilidade que tanto buscava, e sim da minha mesa de trabalho mental. E, como sempre, ela estava abarrotada: a reunião de terça, a discussão da sexta-feira anterior, os e-mails que eu precisava mandar logo depois do café da manhã e os telefonemas que precisava dar. Isso sem falar do presente de aniversário da minha tia, que eu ainda precisava escolher.

Sempre havia alguma coisa. Eu não vivia, só cumpria tarefas.

Embora tentasse prestar atenção nos detalhes da floresta, eu era capaz de correr sem perceber se tinha passado por alguém ou qual caminho tinha feito. Uma coisa, porém, era certa: em algum momento da vida eu havia tomado a direção errada, quebrado a bússola interior, e isso me limitava e ao mesmo tempo me pressionava.

Até alguns anos antes, eu me sentia leve e feliz, amava o que fazia, tanto na vida pessoal quanto no trabalho. Mas

com o passar dos anos fui assumindo cada vez mais tarefas e, com isso, perdendo minha liberdade. Não foi uma decisão consciente – aconteceu pouco a pouco. Fui me tornando uma dessas pessoas que adoram otimizar tudo, que só valorizam o trabalho, o reconhecimento profissional e o salário. Era exigente comigo mesmo, raramente estava satisfeito ou relaxado, vivia estressado. Era movido a prazos e a expectativas – as dos outros e as minhas.

Eu não queria o que tinha; ao contrário, queria o que não tinha.

Naquela manhã, eu me sentia não um pássaro da madrugada, voando livremente, e sim um pássaro exausto, preso na gaiola. Não parecia certo. Não tinha nada a ver com quem eu realmente era ou queria ser.

Enquanto trotava pela floresta, sem rumo e sem destino, pensei numa coisa que tinha lido dias antes: quando a pessoa está sobrecarregada, seus pensamentos ficam girando em círculos, e é preciso romper esse padrão. Por isso, vez ou outra, devemos fazer algo inusitado, fora do habitual.

Parei um instante para pensar nas possibilidades. De repente, me veio à cabeça a imagem do lago tranquilo na entrada da floresta, perto do nosso sítio. Eu costumava passar direto por ele. Nunca havia pensado em nadar de manhãzinha. Logo me dei conta de que não estava com roupa de banho nem toalha, e que a água provavelmente estaria gelada. Mas também pensei que essa poderia ser uma pequena aventura no meio da minha rotina. E me lembrei do que fazia na piscina quando criança, quando não queria ver, ouvir nem sentir nada: pulava na água e

deixava o corpo afundar. À medida que eu afundava, o mundo sumia e se calava. Quando não conseguia mais prender a respiração, subia para a superfície.

Era só mergulhar.

Que ideia tentadora.

Mudei de direção e corri para o lago.

2

Peguei uma trilha em direção ao lago. Quando cheguei me deparei com um espelho d'água sereno. Na margem, um grande amieiro com galhos baixos, um dos quais mergulhava na água. Ali perto, um banco de madeira improvisado – uma tábua, dois tocos e só. Que lugar incrível, que paz! A linguagem da natureza não precisa de tradução nem de instruções. Inspirei profundamente e soltei o ar devagar.

Estava pensando que um paraíso daqueles era muito melhor que meu escritório quando escutei um estalo, levei um susto e me virei para trás na hora. Vi um homem todo molhado, que aparentemente tinha acabado de sair do lago. Era alto e magro, cabeludo e grisalho, com

um sorriso simpático e um olhar animado. Devia ter uns 60 anos.

– Tudo bem? Também caiu da cama? – perguntou ele, se aproximando.

– Que nada, a vida é que me derrubou – deixei escapar.

Até hoje não sei de onde saiu essa resposta espontânea. Eu não era uma pessoa de abrir o coração para um completo desconhecido. Mas ali, naquele momento, o que eu costumava esconder dos outros e de mim mesmo escapou de repente, sem nenhum filtro.

O homem entendeu minha resposta como um convite.

– Meu nome é Karl – disse ele, então se dirigiu à bicicleta que estava encostada numa árvore, pegou uma toalha da cesta e se secou. – A gente nunca se encontrou por aqui, né?

– Acho que não.

– Prazer em conhecê-lo.

Até hoje me lembro de sua voz calorosa, seu olhar atento e seu jeito acolhedor. No lugar de Karl, outras pessoas, no máximo, me desejariam um bom fim de semana e iriam embora de bicicleta, mas Karl quis saber mais.

– Como pode você nunca ter nadado neste lago? A água é tão límpida, tão fresca, faz tão bem... De abril a novembro, todos os dias venho aqui e dou 223 braçadas.

– Boa pergunta. Não sei responder... – falei, meio sem jeito. – Talvez eu nunca tenha tido oportunidade.

– Ah, então vá! – estimulou Karl. – Entre logo! Pode ficar com a minha toalha.

Era só mergulhar.

Hesitei por um instante, então tirei a roupa e desci a

encosta até a beira do lago na ponta dos pés, com cuidado, um passo de cada vez, porque o terreno da margem era escorregadio. Eu me segurei num arbusto e vi uma libélula azulada e reluzente voando acima de mim, como uma salva-vidas alada.

Karl tinha razão: a água estava cristalina e muito agradável. Fui entrando aos poucos e comecei a dar algumas braçadas. A sensação foi incrível, de me afastar do que pesava sobre mim a cada braçada. Naquele momento, tudo ficou para trás, em terra firme.

Era a coisa mais libertadora que eu fazia em muito tempo. Em dado momento, um cardume de peixinhos fugiu de mim e se escondeu no junco. Adorei a cena.

Por fim, enchi os pulmões de ar e mergulhei.



Quando voltei para a margem, queria me sacudir feito um cachorro molhado. Karl me ofereceu a toalha sem que eu pedisse e falou apenas uma palavra:

– Então?

Ele já sabia a resposta.

– Incrível! – respondi, de imediato.

Ficamos ali os dois olhando, maravilhados, para a água. O lago era claro e cristalino, uma declaração de amor à vida, um conselheiro para a alma.

– Não sei por que demorei tanto a fazer isso – confessei.

– Talvez porque às vezes perdemos de vista o que nos faz

bem – comentou Karl, pensativo. – Mas uma coisa eu sei: a melhor coisa do mundo é tomar um belo café da manhã depois de nadar neste lago. Topa? Minha fazenda é logo ali.

Um desconhecido tinha me convidado para tomar um café em sua fazenda naquele sábado de verão. Eu poderia ter dado mil boas razões para recusar amigavelmente: tinha que mandar e-mails de trabalho, tinha que comprar o presente da minha tia – ou podia apenas dizer não porque o fato era que eu não o conhecia.

Mas minha resposta foi outra. E inequívoca. Aceitei.

– Claro, eu adoraria! Diga seu endereço. Vou dar um pulo em casa para me trocar e depois passo lá.

Antes de sairmos do lago Karl se abaixou, pegou alguns gravetos e pedras do chão e desenhou uma carinha sorridente no banco de madeira improvisado.

– É para quem passar por aqui começar o dia tão bem quanto nós – explicou.

3

Cheguei em casa e tomei um banho rápido para não deixar Karl esperando. No chuveiro, percebi que não podia ter reservado todo o meu tempo àquele desconhecido. Eu tinha planos muito diferentes para aquela manhã. Precisava fazer compras, ligar para amigos e parentes, pagar uma pilha de boletos, responder às mensagens pendentes. Minha lista de tarefas parecia infinita, e mesmo assim eu tinha inventado de aceitar o convite de um estranho para tomar café da manhã.

Mas meu senso de educação não me deixava escolha: eu tinha aceitado e não dava para cancelar, até porque não tinha o telefone do Karl, então preferi manter minha palavra a resolver minha lista de afazeres. Tentei me tranquilizar

pensando que teria tempo para ver as pendências à tarde. Assim, fechei a porta, entrei no carro e parti.

Minutos depois, cheguei à fazenda de Karl. A entrada era um caminho de pedras que dava para uma antiga casa de fazenda de tijolos amarelos, ladeada por dois celeiros grandes, com um pequeno espaço para equitação e lilases perfumados colorindo o gramado em tons de violeta, branco e azul. Algumas crianças brincavam de cabra-cega e dois cavalos trotavam juntos. Atrás de um fardo de feno, uma charrua enferrujada parecia esquecida, esperando para voltar ao campo. Era o sonho da vida campestre.

Meu primeiro pensamento foi: *Que bom que eu vim!* O segundo foi: *Por que não vim de bicicleta?* Envergonhado, estacionei ao lado de um trator vermelho. Karl saiu da casa com os braços abertos.

– Que maravilha, você veio! Foi fácil encontrar? Vamos entrando!

Ele usava uma calça de veludo cotelê ocre, camisa polo azul sem o botão de cima, sandálias sem meias – como um típico alemão – e, no pulso esquerdo, uma pulseirinha colorida.

Segui Karl direto para a cozinha, que era logo na entrada da casa. Tudo ali transmitia a sensação de conforto: uma mesa longa de madeira, grande o suficiente para uma reunião ministerial; num canto do cômodo, um velho forno a carvão e, ao lado dele, panelas de ferro fundido empilhadas, formando uma torre torta. Ao longo de uma parede havia um aparador com uma cumbuca de salada e outra de morangos ao leite, além de uma assadeira com um bolo

amanteigado fresco e uma tigela de vidro com creme de leite caseiro.

Karl colocou a água para ferver num pequeno fogão a gás e tirou de uma lata um filtro de papel.

– Pode se sentar onde quiser! Vou fazer um cafezinho pra gente.



Já não me lembro bem dos detalhes desse dia – se estava de calça ou de bermuda, o que estava acontecendo no mundo –, mas duas coisas nunca vou esquecer: a curiosidade incansável com que Karl começou a perguntar sobre a minha vida e a tranquilidade com que fez e serviu o café num bule levemente rachado de porcelana branca com padrão floral. Ele queria saber tudo: de onde eu vinha, quantos filhos tinha, como minha mulher se chamava, se eu tinha pais, o que fazíamos no campo nos fins de semana. Demonstrava um interesse genuíno e empático pela minha pessoa, minha família, minha vida. Não tinha segundas intenções nem parecia superficial. Não perguntou onde eu morava na cidade, qual era meu carro, se tinha barco. Em uma hora, sabia mais sobre mim do que meu chefe, com que eu trabalhava havia dez anos e dividia a sala. Nossas vidas eram totalmente opostas, mas ainda assim me senti compreendido.

Com o tempo, também comecei a fazer algumas perguntas. Descobri que Karl havia comprado a fazenda fazia mais de trinta anos. Que sua esposa criava cavalos e dava

aulas de equitação. Que eles tinham cinco filhos, dez netos e um cachorrinho preto chamado Rilke. Ele era agricultor e plantava só uma coisa: batata.

– Nasci para isso! – comentou, rindo.

E assim continuamos a conversa – ele perguntava, eu respondia; eu perguntava, ele respondia. Eu estava totalmente presente naquela cozinha, e meus planos e obrigações para aquela manhã pareciam distantes.



Depois de umas 28 rodadas de perguntas e respostas e da terceira xícara de café, precisei ir ao banheiro.

– Primeira à direita – disse Karl, mostrando o caminho.

Que pessoa extraordinária! Que manhã maravilhosa, pensei no corredor.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Sextante,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

sextante.com.br



Este e outros títulos do nosso catálogo estão
disponíveis em audiolivro.